

A importância das artes na educação

Izabel Petraglia

Pedagoga (PUC/SP – 1982), psicóloga (UNIP – 1998), mestre em Educação e Currículo (PUC/SP – 1991) e doutora em Educação: Administração Escolar (FE-USP – 1998). Pós-doutora pelo Centro Edgar Morin (EHESS/CNRS – Paris – 2001). Professora dos Mestrados – Acadêmico e Profissional – em Administração do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – UniFMU, em São Paulo. Pesquisadora em Ciências Humanas e Sociais, especialmente sobre os temas: Educação e Complexidade; Complexidade nas Organizações; Transdisciplinaridade; Sustentabilidade e Mudanças Climáticas. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Complexidade - GEPEC/CNPq. Autora de diversos artigos, capítulos e livros, dentre os quais: Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber (Ed. Xamã, 13ª. edição, 2012); Pensamento Complexo e Educação (Ed. Livraria da Física, 2013); “Olhar sobre o olhar que olha”: complexidade, holística e educação (Ed. Vozes, 2001); Estudos de Complexidade – Volumes 1, 2, 3, 4, 5 (Editora Xamã, 2006, 2008, 2009, 2010, 2012) – organização em parceria com Cleide Almeida. Izabel, e-mail: izabelpetraglia@terra.com.br

Liliane Costa

Estudante concluinte de Pedagogia, no Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – UniFMU (2016). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Complexidade - GEPEC/CNPq. Estudante pesquisadora de Iniciação Científica (UniFMU – 2016). Os principais temas de interesse de pesquisa são: Arte-Educação; Educação e Pensamento Complexo; Transdisciplinaridade, e-mail: lilianeprado04@gmail.com

Resumo

A arte se faz presente na vida do homem desde a época pré-histórica e, vem acompanhando o seu desenvolvimento. Ela está relacionada à cultura dos povos, ilustrando situações, sentimentos, emoções, atravessando os tempos e, recriando-se, constantemente. O termo *Arte* teve diversos significados durante a história, assim como reorganizações em suas categorias, a partir de suas características e especificidades. O ser humano sente a necessidade de expressar-se através de poemas, músicas, pinturas, comunicam-se, contam histórias, manifestam seus sentimentos por meio das artes. Daí a importância do desenvolvimento da criatividade, na escola, da Educação Infantil à Pós-Graduação. O objetivo deste texto, então, é refletir sobre o papel das artes na educação, à luz da proposta triangular, de Ana Mae Barbosa e do pensamento complexo, de Edgar Morin, entendendo que sensibilidade, criatividade e religião são saberes fundamentais ao cultivo dos estados poético e estético da existência humana e ao bem-viver.

Palavras-chave: Artes. Criatividade. Educação. Proposta Triangular. Complexidade.

The importance of Arts in education

Abstract

*The art has been present in the life of man since the prehistory and it's following his development. It's related to the culture of people, illustrating situations, feelings, emotions, across the time and recreating itself, constantly. The term **Art** had several meanings during history, likewise reorganizations in it's categories, from it characteristics and specificities. The human being feels the need to express themself, through poems, music, paintings, communicating, tell stories, expressing your feelings through the arts. Therefore the importance of the development of creativity in school, from child education to postgraduate education. The objective of this text is to reflect on tje role of the arts in education, based on the Ana Mae Barbosa's triangular proposal and the Edgar Morin's complex thinking, understanding that sensitivity, creativity and reconnection are fundamental knowledge to the cultivation of poetic and aesthetic states of human existence and well-live.*

Keywords: Arts. Creativity. Education. Triangular Proposal. Complexity.

*“Ando a procura de espaço
para o desenho da vida.
Em números me embaraço
e perco sempre a medida.(...)
Meu coração, coisa de aço,
começa a achar um cansaço
esta procura de espaço
para o desenho da vida. (...)”
Cecília Meireles, 2003, p.80*

Introdução

Procurar espaços para a criatividade, o belo e o prazer é questão de vida, de aprendizagem, de felicidade, como revela Cecília Meireles, nos excertos da poesia “Canção excêntrica”, em epígrafe. Por meio da arte podemos observar a evolução da expressão humana e da manifestação de emoções e sentimentos, desde o homem Neandertal que, nas paredes de suas cavernas ilustravam o cotidiano com pinturas rupestres, semelhantes aos desenhos infantis, até as grandes obras realizadas nos períodos de Revolução na Idade Contemporânea, em que os artistas ilustravam suas críticas à política da época.

Na educação, sua atenção no currículo escolar é mínima. Não é avaliado o quanto a Arte pode desenvolver o ser humano integralmente, seja de maneira cultural,

intelectual, criativa, cidadã. Em grande parte, o ensino artístico acontece primordialmente em datas comemorativas, reproduzindo-se poemas, músicas e danças para apresentações ou para decorar a escolas, sendo muitas vezes executados em maior parte por adultos, para satisfazer a família, fomentando a falsa ideia de que a instituição está criando pequenos artistas.

O objetivo deste texto é refletir sobre o papel das artes na educação, à luz da proposta triangular, de Ana Mae Barbosa e do pensamento complexo, de Edgar Morin entendendo que sensibilidade, criatividade e religação são saberes fundamentais ao cultivo dos estados poético e estético da existência humana e ao bem-viver. Artes e criatividade na educação.

Muito além de um veículo auxiliar, quando bem trabalhada, a arte pode ser um meio para o desenvolvimento do processo criativo da Educação Infantil à Pós-Graduação, porém, pais e professores desejam formar jovens bem-sucedidos e encaram o processo artístico como um perigo para obter resultados no seu objetivo, geralmente mais técnico e utilitarista. (BARBOSA, 1995).

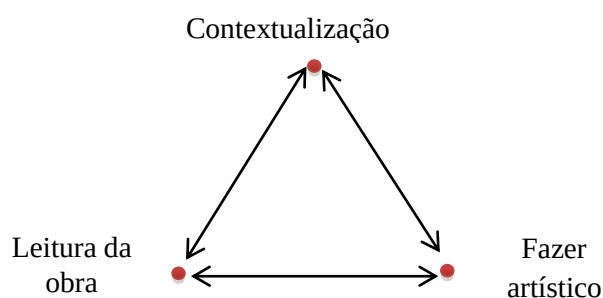
Mesmo com documentos oficiais que definem o ensino das Artes como obrigatório com a finalidade de promover o desenvolvimento cultural do aluno (LDB 9394/96), predomina o ensino geométrico, estereotipado ou a apresentação de modelos a serem seguidos e reproduzidos. Diante desse cenário, eram necessários novos estudos sobre o ensino da Arte, sendo assim, em 1993 foi sistematizada a Proposta Triangular, de Ana Mae Barbosa, testada inicialmente no Museu de Arte Contemporânea, da USP. Sua principal influência é a pedagogia *freireana*, que também propõe uma “abordagem triangular”: **leitura de mundo, conscientização crítica e contextualização da realidade** dos educandos.

Outra influência à abordagem triangular foi o movimento “*Escuelas al Aire Libre*”, no México, que surgiu depois da Revolução Mexicana, de 1910, com o intuito de recuperar os padrões estéticos da Arte e o artesanato mexicano, juntamente com a história e o fazer artístico, de modo a promover a consciência cultural e política do povo, estimular a apreciação da Arte local e incentivar a expressão individual.

Na Inglaterra o movimento *Critical Studies* e, nos Estados Unidos *Disciplined Based Art Education* (DBAE) fazem referência a estética-história-crítica e, também

influenciaram a Proposta Triangular. O DBAE foi o movimento mais pervasivo entre todos de arte/educação, teve influência em toda a Ásia, mas, no Brasil a cultura fez com que tudo fosse re-sistematizado, não baseado somente em disciplinas, mas em ações: fazer-ler-contextualizar. (BARBOSA, 1998).

A origem dessa proposta é a triangulação que, engloba vários pontos do ensino/aprendizagem, formando três vertentes interligadas:



- **Fazer artístico:**

- Experimentar/Fazer

- Tocar/Ver/Ler

Prática do trabalho de ateliê, que expressa a percepção, a fantasia e a imaginação criadora além de possibilitar o desenvolvimento do processo de criação próprio. O fazer artístico não deve basear-se em imitações, mas no desenvolvimento da criatividade. É importante a vivência intensa do processo de criação, tanto para o desenvolvimento técnico quanto para a representação imaginária, não resumindo o fazer artístico em somente uma releitura. (BARBOSA, 1998). No entanto, Pillar (2006) entende que a releitura não é apenas uma interpretação, mas sim uma reconstrução, a criação de um novo objeto em outro contexto, com novo sentido. Quando essa transformação não acontece, aí sim, torna-se cópia e não criação.

- **Leitura da obra:**

- Refletir/Questionar

- Alfabetização áudio/visual

Pretende-se que a leitura de imagens leve a busca e descoberta, assim despertando a crítica e o juízo de valor, porém sem transformar essa leitura num questionário. No processo de leitura, o conteúdo toma caráter expressivo e, não há

leitura, mas leituras, em que cada um interpreta de sua maneira a imagem. Num país onde os políticos vencem as eleições por influência da mídia, é fundamental a alfabetização para a leitura da imagem. A sociedade desconhece o poder da imagem e vivemos num tempo em que é fundamental sabermos lê-las, além de sua apreciação. (BARBOSA, 1998)

Em nossa vida diária estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p.17)

A autora (1998) argumenta que a reflexão sobre a imagem tem pouco espaço nas escolas, o que resulta não apenas na má compreensão da obra de arte, mas também na dificuldade da apreciação crítica da televisão. Karnal corrobora essa ideia:

Alfabetizamos para a leitura de textos e raramente educamos para a leitura de imagens. Vivemos imersos num mundo visual e não nos adaptamos a isto. O desafio do olhar é intenso e o jovem quase nunca tem habilidade e repertório para julgar este mundo de fotos e desenhos que flui pela rede. Somos quase todos analfabetos visuais. (KARNAL, 2016).

- **Contextualização:**

- Relacionar/Integrar

- Mundo interno/Mundo externo

Requer conhecer o momento histórico, o registro do sentimento estético e da visão do artista ante os acontecimentos que o envolveram no instante da criação, assim estabelecendo relações mais profundas com sua própria produção, possibilitando intervir ou reinventá-la. A Arte está relacionada a diversas épocas e estilos e, reconhecê-los, contribui para a construção do conhecimento teórico-prático.

A contextualização pode ser histórica, antropológica, ecológica, psicológica, e não se restringe apenas a uma disciplina, mas sim a vasto conjunto de saberes. Por meio

dela podemos trabalhar com a interdisciplinaridade, pois contextualizar é estabelecer relações. (BARBOSA, 1998).

A ênfase na contextualização é essencial em todas as vertentes da educação contemporânea, quer seja ela baseada em Paulo Freire, Vygotsky, Apple [...] Sem o exercício da contextualização corremos o risco de que, do ponto de vista da arte, a pluralidade cultural se limite a uma abordagem meramente aditiva. (BARBOSA, 1998, p.93).

Assim também compreende Morin (2000, 2002) acerca da contextualização como quesito necessário para a aprendizagem. O conhecimento para ser elaborado deve ser pertinente ao aprendiz, ou seja, precisa fazer sentido, relacionar-se à vida, à realidade e às experiências do sujeito cognoscente. Entretanto, é necessário que o aprendiz conheça o próprio contexto e ainda reflita sobre a sua realidade para poder intervir nela, para criar. Toda criação humana é um bem cultural. O ser humano é, pois, produto e produtor de sua cultura.

De acordo com Freire (1986, p. 30): “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias.”

Ainda nesse sentido, Morin destaca a importância da contextualização para a transdisciplinaridade que, vai além de qualquer disciplina e busca o diálogo constante de cultura científica e cultura humanística, que o paradigma cartesiano separou. Trata-se de uma ética de religação. Estamos de acordo com o autor, quando afirma (2000, p. 16):

Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada.

Nos anos 1990, a Proposta foi vastamente difundida por todo o país, estando presente inclusive nos documentos educacionais oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e os Referenciais Curriculares Nacionais. As nomenclaturas anteriores das vertentes: Fazer Artístico, Leitura da Obra de Arte e Contextualização foram aí substituídas por: Produção, Apreciação e Reflexão.

Muitos professores adotaram a nova proposta compreendendo haver uma hierarquia entre as atividades, lecionando primeiro a leitura da obra, depois a contextualização e por último o fazer artístico. Quando vimos a figura das três vertentes, as setas não seguem apenas uma direção, pois a Proposta Triangular não apresenta uma sequência metodológica. Os eixos devem ser agregados a outros saberes, promovendo o desenvolvimento cultural, crítico e criativo, “hoje eu desmontaria o triângulo. Acho que essa abordagem tem que estar mais parecida com um zigue-zague”. (BARBOSA, 2004, p.2)

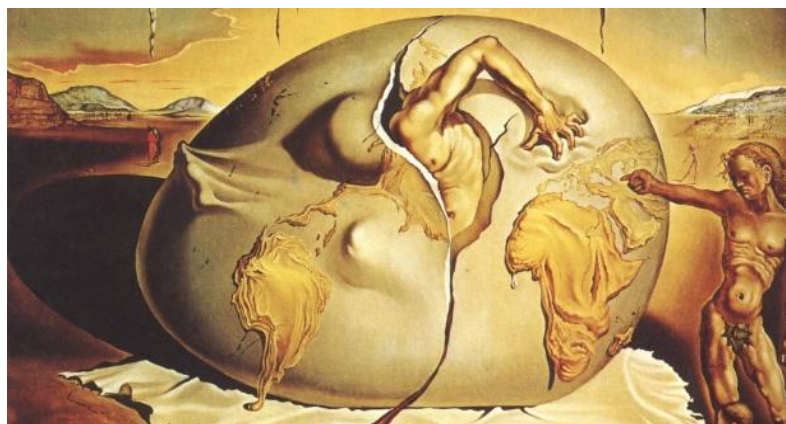
A psicologia defende a ideia de que a imaginação ou a fantasia é uma atividade criadora. Essa atividade manifesta-se em todos os campos da cultura, tornando-se possível também na criação artística. Smolka (2009) valendo-se de Vygotsky entende que, o cérebro está condicionado a combinar e reelaborar nossas experiências anteriores, de forma criadora. Portanto, as Artes são insubstituíveis na educação, tanto na escola, quanto na organização, pois com elas os pensamentos são expressos de maneira plástica, como não podem ser transferidos a outras linguagens, seja a linguagem discursiva, seja a científica.

Através da poesia, dos gestos, da imagem, as artes falam aquilo que a história, sociologia, antropologia etc. não podem dizer porque elas usam outros tipos de linguagem, a discursiva e a científica, que sozinhas não são capazes de decodificar nuances culturais. (BARBOSA, 1998, p. 16).

Muitos acreditam que o plano de atividades para desenvolver a criatividade na sala de aula representa um tempo gasto de maneira inútil, quando há tantas outras coisas para aprender. Há disciplinas e conteúdos a serem “passados” e decorados, lousa para encher, apostila para preencher, cadernos para escrever. Isso tudo, a favor do racionalismo científico.

O ser humano sente a necessidade de expressar-se através de poemas, músicas, pinturas, comunicam-se, contam histórias, manifestam seus sentimentos por meio das artes. Salvador Dalí (1904-1989), por exemplo, foi um pintor surrealista que tinha um estoque de fobias alimentando suas obras. Tinha medo de insetos, de atravessar a rua, pegar trens e metrô e de comprar sapatos, porque não suportava mostrar seus pés e ainda, carregava consigo um pedaço de madeira para afastar maus espíritos. Com todos

esses temores, Dalí deixava ao lado de sua cama uma tela e ao acordar registrava “fotografias de sonhos pintadas à mão”, para que assim através da arte pudesse mostrar ao mundo o seu universo onírico. (STRICKLAND, 2002).



Fonte: Guia da Semana, 2014.

Trazer para a escola o ensino artístico é fazer presente a criatividade, o conhecimento, a criticidade. As artes não são uma ciência quadrada e exata que segue uma fórmula para sua confecção, elas envolvem o prazer, a paixão, a história de vida ou aquelas histórias que um dia se desejou viver, e aí percebemos a diferença entre o mero professor e o educador: um afasta o encantamento da arte, segue modelos, dita regras, enquanto o outro submete o aluno à busca de conhecimentos dentro de si ou em sua realidade, à expressão e à imaginação.

As artes nos despertam para o autoconhecimento e, mais do que isso, conforme Morin que ao destacar a importância das diversas artes, exemplifica (2000, p. 44): “São o romance e o filme que põem à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade, com o mundo.”. Somos uma trindade que se constitui indivíduo, sociedade, espécie e, portanto, estamos no cosmo e somos o cosmo.

Assim, as artes na educação não podem ser apenas vistas como livre-expressão, é preciso entendê-las também como área de conhecimento. Por meio da apreciação e da decodificação, desenvolvemos flexibilidade, originalidade, elaboração e prática de avaliação sobre a qualidade das obras, esses são aspectos básicos da criatividade, de acordo com Barbosa (1998).

Esse processo de estímulo criativo é capaz de levar o aluno a reconhecer a si próprio, a sua cultura e a realidade em que está inserido. Com a criação, a

contextualização, a leitura é possível desenvolver qualquer tema em sala de aula. O conhecimento artístico é amplo, para a sua criação e apreciação buscamos entender outras áreas do conhecimento, atravessando as barreiras, considerando a complexidade das ciências, de maneira transdisciplinar:

As Artes levam-nos à dimensão estética da existência e – conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente. Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana, (MORIN, 2000, p.45)

A estética como o lúdico, retira-nos do estado racional-utilitário e nos coloca em transe de felicidade, empatia, harmonia, exaltação. Morin (2002) concebe a estética não apenas como característica própria das obras de arte, mas a partir do sentido original do termo *aisthètikos*, de *aisthanesthai*, “sentir”. Trata-se de uma emoção, uma sensação de beleza e admiração. O estado estético alimenta-se de imaginário, histórias, filmes, sonhos. Por exemplo, a comédia nos alegra, ao passo que a tragédia que nos fascina também nos aflige na mesma proporção.

Com tanto que as artes podem contribuir para a formação humana cultural, crítica e criativa, por que excluí-las da rotina escolar? Há muito que criar e explorar por meio delas, tudo a nossa volta pode ser transformada em arte se exercitada a criatividade.

A palavra criatividade foi expulsa do academicismo e do cientificismo, foi banalizada pelo pensamento redutor. Mas, não podemos eliminá-la da história humana, pois, ela integra técnica, estética, ciência, ética, cultura. Em qualquer tipo de criação, imaginário e real se unem.

Nogueira (2016) com uma turma de Educação infantil, crianças de 28 a 40 meses, desenvolveu um projeto intitulado “Primavera: uma estação com arte”, em que trouxe para sua sala uma variedade de conhecimentos por meio da criação, leitura da obra e contextualização e, ainda, utilizou-se de diversas linguagens artísticas.



Fonte: Bibliolore, 2013.

Esta imagem foi uma das apresentadas por Nogueira em seu projeto. Esta é uma fotografia da bailarina Loie Fuller, que conforme dançava, com suas roupas formava flores, casulos e borboletas, o que realmente vinha sendo abordado pela arte-educadora com a turma. Após a apresentação das fotografias, as crianças puderam desenhar sobre elas e depois dançaram com tecidos inspirados pela bailarina.

Nesse projeto temos referências sobre o trabalho com a proposta triangular, além da experiência das linguagens da arte unidas em prol da vivência e criação, um dos princípios importantes para o fazer artístico. A contextualização com o mundo externo faz com que a criança comece a observar o meio e perceber os elementos ali presentes de maneira estética, aprendendo a recriar, reelaborar e fazer uma leitura de mundo mais sensível. Partindo dessa educação do olhar, a criatividade passa a ser cada vez mais desenvolvida, é necessária a percepção e a imaginação para estabelecer relações entre os objetos, textos, imagens, com as redes temáticas já vistas.

Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 1998, p. 16).

A realidade é cruel com o ser humano, submetido à morte, não escapa ao sofrimento, aos infortúnios, às perdas, servidões, à maldade, propriamente humana. A aptidão do sujeito à infelicidade é a medida de sua capacidade à felicidade. A pessoa enfrenta as explosões de crueldade e insuficiências de amor por meio das fantasias, do imaginário, dos mitos, dos símbolos, das religiões. (MORIN, 2002). A poesia da vida e a estética aliviam e amortecem a angústia, o medo, as dores, embora não os elimine. As

artes tornam-nos melhores, mais sensíveis, empáticos e nos ajudam a encarar a insuportável realidade e a enfrentar a crueldade do mundo, por meio de diferentes linguagens.

Foi isso que aconteceu em Assunção, no Paraguai, com uma comunidade que nasceu ao redor de um aterro sanitário e, pelas mãos de um professor, Flávio Chavez, de um músico, Luis Szaran e de Nicolas Gomes, um artesão, foram capazes de construir instrumentos com entulho e, formou-se uma orquestra com os jovens que viviam ali. Duas latas de goiabada transformaram-se em uma guitarra, uma máquina de raios-X é a base da percussão e o violino já foi uma velha saladeira de alumínio, que ganhou cordas afinadas. (PELLEGRINI, 2013).

Composta por 20 crianças e adolescentes, filhos de catadores de lixo, tiravam seu sustento dali, reciclando tudo o que podiam. A orquestra já passou por países como Brasil, Panamá, Colômbia e Estados Unidos. “Um novo sentido para a minha vida” é como os jovens definem o que foi criado.



Fonte: Hypheness, 2013.

A arte em sua linguagem musical faz o elo entre o sentir e o criar, usada também para se expressar, com criatividade como combustível para elaborar combinações de silêncio e som, assim como diz a música “Certas coisas”, de Lulu Santos e Nelson Motta:

Não existiria som
Se não houvesse o silêncio
Não haveria luz
Se não fosse a escuridão
A vida é mesmo assim

Dia e noite, não e sim (...)
Eu te amo calado
Como quem ouve uma sinfonia
De silêncios e de luz
Nós somos medo e desejo
Somos feitos de silêncio e som
Tem certas coisas que eu não sei dizer.
(SANTOS; MOTTA, 1984)

A música estimula a criatividade em todas as áreas, aumenta a concentração, a memória, a codificação e decodificação.

Algumas razões são importantes para justificar a inserção da educação musical no currículo escolar. Entre elas, estão proporcionar à criança: o desenvolvimento das suas sensibilidades estéticas e artísticas, o desenvolvimento da imaginação e do potencial criativo. (JOLY, 2003, p. 117).

Com a orquestra, analisamos outra vez as linguagens artísticas trabalhando de forma transdisciplinar, onde a contextualização entre o mundo interno se fez presente com a leitura do ambiente, fazendo com que todos os envolvidos usassem a criatividade para mudar a situação, seja criando instrumento ou tocando-os. Tudo o que foi desenvolvido por eles, pode estar presente na educação, um professor criativo pode levar a sua sala a esse processo, ou pode apresentar os materiais para que seus alunos criem.

Durante o processo de criação o aluno pede orientações e submete seu projeto à apreciação do professor; nesse momento o papel do educador é fundamental, sua mediação deve ser usada para instigá-lo a ampliar a curiosidade, desenvolvendo ainda mais o seu projeto.

Além da apresentação de materiais, podem ser apresentados artistas que com a criatividade transformam o seu meio, inspirando a turma a fazer o mesmo, por exemplo, Vik Muniz, artista plástico brasileiro, utiliza materiais inusitados, como lixo, restos de demolição e alimentos para compor suas obras.(IMBROISI, 2016).



Fonte: G1, 2010

Muniz morou durante dois anos no maior lixão do mundo, lá trabalhava junto dos catadores de lixo e transformou seus retratos em obras gigantes, utilizando os materiais que foram encontrados. O dinheiro arrecadado com a venda das obras foi doado à associação dos catadores local. Esse trabalho foi documentado e leva o nome de “Lixo Extraordinário” (Waste Land no original) sendo até mesmo indicado ao Oscar, em 2011(JARDIM; HARLEY; WALKER, 2010).

Segundo Velloso (2009), o desenvolvimento e o potencial para a criação, estão relacionados aos ambientes que proporcionam espaço para a expressão da singularidade. Além disso, é fundamental saber que todo o processo criativo está ligado ao seu desenvolvimento emocional, a sua sensibilidade e à cultura.

E é por meio das artes que conhecemos a cultura de um povo, através dela temos os traços espirituais, materiais, emocionais e intelectuais de um determinado grupo social ou sociedade. A presença da arte na educação traz o ensino da expressão pessoal, identificação cultural, além do desenvolvimento da percepção, imaginação, capacidade crítica, análise e criatividade para mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 1998)

O ambiente também reflete muito no processo de criatividade dos alunos, junto da leitura visual. De acordo com Ostetto (2010), o ambiente comunica ações e valores, influenciando no desenvolvimento do olhar estético. Através dele as crianças farão associações, estabelecendo relações, sentimentos, atitudes.

Ainda segundo a autora, o espaço também é construtivo e requer atenção pedagógica. As imagens nas paredes carregam consigo um discurso, um contexto. Dessa forma atuam na formação de um modelo de “ser e seguir”, e isso implica na construção do olhar para a leitura de imagens. Além do espaço físico, essa decoração ocupa um lugar imaginário e reflete na produção das crianças por meio da cópia ou deixando de desenhar porque “não sabem”.

Apesar do reconhecimento da importância da criatividade, são necessárias condições para o seu favorecimento, que muito pouco tem sido feito nos meios educacionais. O incentivo ao desenvolvimento de características da subjetividade e imaginação que se relacionam à criatividade é pouco. Assim como o espaço para o trabalho artístico e linguagens expressivas, que são alguns dos veículos para a propagação criativa, também é pequeno. Diante desse cenário, quando chegamos à vida adulta, a criatividade acaba sendo vista como um “dom”, não como uma característica humana, que pode ser desenvolvida como qualquer outro conhecimento ou comportamento. O desejo de criar existe em todos, e uma vez explorado o pensamento criativo, influencia em todas as áreas da vida.

Assim, é importante que as escolas, desde a Educação Infantil, trabalhem essa questão, oferecendo o espaço criativo inicial na vida. As instituições de ensino e os educadores estabelecem que a única disciplina com espaço para a criatividade é a Educação Artística, tornando presente o reducionismo e a fragmentação do conhecimento. Observando essa realidade, como estão os alunos em que as Artes não compõem o currículo? Situação que em breve poderá ser ainda mais crítica com a implantação da proposta governamental de reforma no Ensino Médio, que modifica o currículo atribuindo obrigatoriedade do ensino artístico apenas à Educação Infantil e ao Ensino fundamental.

Para Celeste (2016) a arte tem caráter interdisciplinar e deveria ser o centro da educação. A educação baseada na criatividade incentiva liberdade, dialogo e respeito entre a turma e o professor, aceitando seus conhecimentos prévios, gostos ou personalidade.

As características subjetivas participam da expressão criativa, fatores sociais, econômicos, culturais, ideológicos influenciam o processo de criação do *homo complexus*:

O ser humano não é somente um ser biológico ou um ser cultural; sua natureza é multidimensional (...) traz em si um conjunto de características antagônicas e bipolares. Ao mesmo tempo em que é sábio, é louco; é prosaico e é poético; é trabalhador e lúdico. É unidade e diversidade; é multiplicidade, pluralidade e indicissociabilidade; é também corpo, idéias e afetividade. (PETRAGLIA, 2006, p.25)

O ensino centrado nas linguagens artísticas contribui para uma sociedade mais criativa, mudando a realidade em que “pessoas criativas” são diferentes, e por mais que seja reconhecido esse potencial, não é valorizado pelo meio.

Todos somos criativos e embora não possa ser ensinada, pode-se aprender como desenvolver a criatividade, através de hábitos e maneiras de pensar. Um aluno é criativo quando ele estabelece relações do que aprende com novas e inesperadas ideias. O mesmo é capaz de responder a soluções de problemas de forma inovadora, capacidade de problematizar as informações recebidas, perguntas interessantes ou perceber contradições do conhecimento.

O professor que preza pelo ensino criativo, oferece à sua sala de aula, oportunidades inspiradoras, podendo utilizar-se da Proposta Triangular, apresentando vivências de outras pessoas, como vimos anteriormente, propondo a contextualização, leitura da obra e o fazer artístico, incentivando a curiosidade e as descobertas, encorajando a livre-expressão.

O âmbito escolar deve estar repleto de planos de ações educativas que contribuam com o desenvolvimento criativo, não incluindo apenas a sala de aula, mas a escola como um todo, com apresentações das criações, que estimulam cada vez mais essas produções.

Expor os trabalhos da turma em saraus, exposições, semanas culturais, deve ser hábito recorrente. Reconhecer e respeitar as criações é essencial, além de proporcionar desafios, estabelecer temas para que reflitam e façam até mesmo releituras sobre eles. É necessária uma reestruturação nas atividades e no pensamento dos educadores, não apenas focados na aquisição de habilidades, mas também na expressão criativa, desenvolvendo o conhecimento por meio de descobertas, criando espaços emocionais, com ações e reflexões que contribuam para o processo de expressão e aprendizagem.

Considerações Finais

Por mais que a aprendizagem e o desenvolvimento sejam centrados no aluno, é essencial que o professor também seja um adulto criativo, pois para o aluno seu educador é visto como modelo. Aquele que educa criativamente estabelece níveis mais altos de desenvolvimento da criatividade em seus alunos. O docente que se destaca com característica criativa, é mais propício e receptivo às mudanças e inovações, tendo mais chances de disposição e empenho. O professor com essa aptidão, não reproduzirá o ensino artístico estereotipado, “combatido” pela proposta triangular. Este educador trabalha com ações que reforçam a evolução criativa, fazendo perguntas que contribuam para a reflexão, respeitando individualmente as distintas obras e a percepção de avaliação do meio para aproveitar o contexto e a originalidade.

Embora seja essencial o desenvolvimento da criatividade dos alunos e condição prévia do professor, esse processo está internalizado numa organização de ensino e poucos dão atenção a essa particularidade. Como já visto a importância de um espaço que efetivamente proporcione estímulos, é impossível desconsiderar a escola e sua gestão. Nela temos as mais variadas realidades sociais que caracteriza um dos aspectos favorecedor para o desenvolvimento da criatividade.

Devemos então detectar as barreiras institucionais para esse trabalho e buscar caminhos para ultrapassá-las, além de observar os pontos fortes da organização para que com eles sejam estabelecidas estratégias para se apoiar e construir a criatividade.

Quando nos deparamos com desafios, buscamos maneiras inovadoras para vencê-los, tanto o professor na sua instituição quanto o aluno na sala de aula passam por esses exercícios. Essa questão não deve ser vista como empecilho e sim como impulsionador para o desenvolvimento do pensamento criativo.

O ensino artístico com base no pensamento complexo e na proposta triangular tem como apoio ações fundamentais para o desenvolvimento da criatividade. As indagações diante da leitura da obra, a expressão no processo do fazer artístico e contextualização, aquisição de conhecimentos por meio de descobertas, curiosidade diante das obras e temas apresentados, e a reflexão acerca de todas as vertentes, lembrando que não há hierarquia entre elas. A arte é a própria evidencia da criatividade.

Portanto se os educadores tiverem a consciência da transdisciplinaridade e compreenderem que as artes podem estar presentes no centro de toda educação, formarão em longo prazo uma sociedade criativa, capaz de desenvolver-se no trabalho e na vida, tornando-a prazerosa. Além disso, pessoas criativas modificam o meio, transformam e criam melhorias, manualmente ou com tecnologia. Toda ação criativa reflete no tempo, no ambiente, no mundo e, contribui para o bem viver que, comporta e favorece o estabelecimento de espaços de felicidade.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. **Do Triângulo ao Zig-Zag**. 2004. Disponível em: <<http://www.bb.com.br/appbb/portal/hs/anv/EntrevistasDet.jsp?&Entrevista;codigo=437>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BARBOSA, Jaque. **Orquestra jovem no Paraguai toca com instrumentos feitos de lixo**. 2013. Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2013/05/orquestra-jovem-no-paraguai-toca-com-instrumentos-feitos-de-lixo/>>. Acesso em: 02 out. 2016.

BIBLIOLORE. **Loïe Fuller's serpentine success**. 2013. Disponível em: <<https://bibliolore.org/2013/05/20/loie-fullers-serpentine-success/>>. Acesso em: 1 out. 2016.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Ed. Nacional**-Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 02 out. 2016.

CELESTE, Mirian. Educação Artística. In: AMÂNCIO, Thiago. **Pressão por esportes e artes no ensino médio atingirá governo e congresso**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/09/1816060-entidades-irao-ao-congresso-em-defesa-da-educacao-fisica-no-ensino-medio.shtml>> Acesso em: 2 nov. 2016.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 12ª. ed., Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.

G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/05/vik-muniz-cria-abertura-de-passione-e-se-diz-filho-da-cultura-de-massa.html>>. Acesso em: 05 out. 2016.

GUIA DASEMANA. **6 motivos para ir na exposição de Salvador Dalí em São Paulo**. 2014. Disponível em: <<http://www.guiadasemana.com.br/exposicao/noticia/6-motivos-para-ir-na-exposicao-de-salvador-dali-em-sao-paulo>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

HYPENESS. Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2013/05/orquestra-jovem-no-paraguai-toca-com-instrumentos-feitos-de-lixo/>>. Acesso em: 02 out. 2016.

IMBROISI, Margaret. **Vik Muniz**. 2016. Disponível em: <<http://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/vik-muniz/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

JOLY, Ilza Zenker Leme. Educação e educação musical: conhecimentos para compreender a criança e suas relações com a música. In: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana. (Orgs.). **Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula**. São Paulo: Moderna, 2003. (p.113-126).

KARNAL, Leandro. **Educar não é adestrar**. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,educar-nao-e-adestrar,10000070788>>. Acesso em: 12 out. 2016.

MEIRELES, Cecília. **Flor de poemas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MORIN, Edgar. **O método 5: A humanidade da humanidade – a identidade humana**. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NOGUERA, Rita Ricardi. **Primavera: una estación con arte**. 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/65988/38576>>. Acesso em: 02 out. 2016.

OROSCO, Dolores. **Vik Muniz cria abertura de 'Passione' e se diz 'filho da cultura de massa'**. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/05/vik-muniz-cria-abertura-de-passione-e-se-diz-filho-da-cultura-de-massa.html>>. Acesso em: 05 out. 2016.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação Infantil e Arte: Sentidos e Práticas possíveis. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. (p. 27-39).

PELLEGRINI, Luis. **Música do lixo: no Paraguai, uma orquestra nasce do entulho**. 2013. Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/103610/Música-do-lixo-no-Paraguai-uma-orquestra-nasce-do-entulho.htm>. Acesso em: 02 out. 2016.

PETRAGLIA, Izabel. Sete idéias norteadoras da relação educação/complexidade. In: ALMEIDA, C.; PETRAGLIA, I. (Orgs.) **Estudos de Complexidade**. São Paulo: Xamã, 2006. (p. 23-36).

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e releitura. In: PILLAR, Analice Dutra. (Org.) **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SANTOS, Lulu; MOTTA, Nelson. Certas Coisas. In: SANTOS, Lulu. **Álbum Tudo azul**. [S.I]: Wea Discos, 1984. 1 CD. Faixa 2.

SMOLKA, Ana Luiza. **Imaginação e Criação na Infância**: Ensaio Comentado de Lev S. Vigotski. 1ª. ed. São Paulo: Ática, 2009.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada**: da pré-história ao pós-moderno. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

VELLOSO, Marta Pimenta. **Da produção do lixo à transformação do resto**. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n4/a37v15n4.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2016.

WASTE Land. **Documentário**. Direção de João Jardim, Karen Harley, Lucy Walker. Son., Color. 2010.